

O TEMPO DE LER É SAGRADO

Tempo de ler é tempo de eternidade.

Ao ler um livro, transcendemos calendário e relógio.

Ao ler um grande autor, vencemos a miopia de só querer fazer coisas imediatamente úteis.

Toda a leitura é culturalmente sagrada, na medida em que cultiva o pleno desenvolvimento de uma pessoa.

Toda a leitura faz vencer a indiferença espiritual, o medo que temos da nossa alma.

Toda a leitura é sagrada, na medida em que nos abre os olhos para o divino-humano. Como ficar alheio à escatologia depois de ler a “Divina Comédia”? Como debochar da teologia depois de ler “O Idiota”, de Dostoievsky? Como banalizar os conflitos da consciência religiosa depois de ler um Bernanos, um Murilo Mendes, uma Adélia Prado?

Toda a leitura é sagrada, na medida em que nos faz perder o preconceito em relação às questões transcendentais. É possível cultivar esse preconceito depois de sentir a angústia de um Graciliano Ramos ou de um Kafka? Se não houvesse no ser humano uma insatisfação profunda com a sua actual condição, poderíamos passar os dias ganindo, devorando os inimigos, lutando pela sobrevivência, mas nunca escrevendo...

O nosso passado cultural e literário está impregnado de reflexão teológica, explícita ou implicitamente. Virar as costas a essa realidade, é virar as costas a nós mesmos!

Até os agnósticos e os ateus sabem que o humanismo está impregnado de carácter religioso.

Toda a leitura humanizante se pode tornar uma leitura santificante. E toda a leitura é humanamente sagrada e divinamente humana.

Ler é romper a monotonia, e isso é um acto sagrado.

Ler é lutar contra a violência destruidora do tempo, e isso é um acto sagrado.

Ler é beber da fonte da eterna inquietude, e isso é um acto sagrado.

Ler é suscitar o silêncio interior, caminho de amor e serenidade, e isso é um acto sagrado.

Ler é procurar, compreender, descobrir, e todos estes são actos sagrados.

A noção de civilização e a ideia que temos da humanidade são inseparáveis do nascimento do livro, da sua multiplicação como pão que nos salva da pior fome.

Não me refiro ao livro reduzido ao livro "prático", aos dicionários, aos manuais.

Refiro-me a todo o livro que seja espelho no qual nos vemos, e janela através da qual vislumbramos o Outro.

Adaptado de Gabriel Perissé
(<http://intervox.nce.ufrj.br>)